

Conceitos fundamentais da Psicanálise

Apresentação, leitura e comentários de Seminários e Textos de Jacques Lacan

Os Nomes-do-Pai

e

Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise

Paulo Medeiros

8 - 25 de maio de 2004

*Memória e transcrição de gravação*¹

Leitura a partir da página 23.

A referência ao “seminário interrompido”, já sabemos, foi sobre *Les Noms du Père*. E “objeto a minúsculo” refere-se ao Seminário anterior ao *Les noms du Père*, sobre *A angústia*.

Intervenção – (...).

*Falo simbólico e falo
imaginário*

Numa das sessões de seu Seminário sobre a transferência, anterior a este que estamos a estudar no momento, encontramos a distinção que Lacan fez entre falo símbolo e falo imaginário. O falo símbolo, escreveu-o com a letra Phi do alfabeto grego, em maiúscula, Φ , afirmando, na ocasião ser o único símbolo da Psicanálise, como símbolo que responde no lugar onde se produz a falta de significante. O falo imaginário, escrito da forma como lêem aí nesse texto - ϕ , escrito com a mesma letra, em minúscula; trata-se, nesse caso, do modo pelo qual, na transferência, o Sujeito apresenta aquilo que se chama pelo nome de complexo de castração. Esse **Phi** maiúsculo corresponderia ao elemento faltante de uma completude impossível aspirada pelo Sujeito, designada Falo. Somos portadores de um *sistema linguageiro* no qual falta um elemento, um elemento que permitiria o significado de todo o sistema. O **phi** em minúscula nessa álgebra refere-se a uma falta em seu sentido imaginário...

*A forma estrutural
do Phi e seu
significado*

Intervenção – (...).

Sim, mas não exatamente. A referência ao **objeto a** aí, parece-

¹ Paulo Medeiros. Revisão ortográfica: Dulcinea Santos e Maria Teodora de Barros Oliveira.

me, diz respeito justamente ao que não é especularizável, enquanto o menos **phi** é uma referência imaginária por estar relacionada ao estranhamento da visão da diferença anatômica, permitindo a fantasia de uma incompletude no corpo se o **phi** for identificado ao pênis, havendo, no entanto, essa designação por não corresponder a tal identificação. Reparemos no que vem imediatamente antes dessa referência, a circuncisão, ou seja, a um corte no corpo e à perda de algo operado por esse corte.

*A arandã e o
Nome-do-Pai*

Relembremos aquilo que lemos do Seminário anterior, *Os nomes do pai*, essa operação de corte como inscrição, marca de um pacto firmado a partir do que designamos por *Nome-do-Pai*. A circuncisão é a marca de uma perda para lembrar um pacto no qual há uma interdição ao gozo, sendo o símbolo religioso uma metáfora para a metáfora paterna, a Lei contraposta ao Gozo.

Intervenção – (...).

*O poema de Aragon
e a comédia de
Plautus Anfítrion -
uma análise do
campo imaginário*

Sim, é verdade, mas também a leitura desse poema de Aragon fez-me lembrar uma outra referência clássica na Literatura, da Comédia Latina, escrita por Plauto, *Anfítrion*, a qual nos remete à possibilidade de explorar esse aspecto imaginário de duplicação pela imagem de um sócio existente. Na formação do *eu* há um outro, semelhante, um outro *eu*. Esse *eu* deveria ser idêntico à imagem de nosso *eu*, mas a diferença anatômica produz, como efeito, uma indagação e uma incógnita. A experiência do *eu* enquanto *outro* na formação do *eu* enquanto imagem é uma experiência alienante, o ver-se em outro lugar, com outra imagem. No poema de Aragon há a referência ao olhar, e é aí onde podemos colocar esse **objeto a** já mencionado fora do campo da imagem no sentido de não ser o olhar algo especularizável na imagem. Daí a menção à pulsão escópica trazida logo no início do texto lido.

Intervenção – (...).

Bem, não me lembro, mas há uma referência a *Anfítrion* de Molière no Seminário *o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*

Então, registremos esse termo algébrico de Lacan, - ϕ (menos phi), em referência ao falo, ao falo em sua dimensão imaginária, ou seja, como negatizado. O Falo não existe.

Intervenção – (...).

Símbolo do que seria a completude.

Intervenção – (...).

O objeto

O **objeto** *a* mantém essa conotação de perda... de inapreensibilidade... de impossibilidade de especularização. Por exemplo, não se pode especularizar a voz. Nesse sentido esse **objeto** *a*, essa formulação algébrica é indicativa de alguma perda. Há também o olhar, não havendo como apreender o olhar no espelho, assim como a voz.

Intervenção – (...).

O menos phi

O **menos phi** é uma referência à falta; o *a* a uma perda. Falta do que nunca existiu nem existirá; perda do que há como possibilidade.

Intervenção – (...).

Continuação da leitura na página 24.

*Função e campo da
fala e da linguagem
em Psicanálise*

Aí está a tônica do ensino de Lacan. Vou repetir algo que estava a dizer a um outro grupo: existe um campo próprio à Psicanálise, e Lacan o definiu desde o começo de sua entrada na Psicanálise: *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise*. A fala é função; a linguagem é seu campo. Todo o tempo de seu ensino enfatizou, com insistência, tal binômio, e sua prédica foi a do retorno da Psicanálise a seu campo próprio, de origem, de retorno a Freud, pois essa foi a descoberta e a doutrina de Freud.

Intervenção – (...).

*O binômio
linguagem/fala*

A *linguagem*, digamos assim, é um campo autônomo, enquanto que a *fala* implica o Sujeito. Há uma relação entre *fala* e *linguagem* pela via da intermediação de algum Sujeito. Esse Sujeito habita e é habitado numa Linguagem. Nessa Linguagem se articula o desejo e a fala lhe dá forma. Essa *fala* – fala sempre no sentido de ser falada numa relação transferencial sendo analisada – enquanto tentativa de apreender e formular o desejo articulado numa forma de *linguagem*. A *fala* o busca; busca o que já lhe encontrou, antes.

Intervenção – (...).

O retorno a Freud

Encontramos essas indicações sobre a necessidade de um retorno a Freud porque os desvios foram tantos e tão extensos a ponto de descaracterizarem o campo próprio à Psicanálise, sobretudo em direção à Psicologia, sobretudo a uma certa psicologia do ego difundida nos Estados Unidos por discípulos próximos a Freud numa tentativa de adaptar a doutrina freudiana à *american way of life*. No nosso texto para hoje notamos estar sendo mais ameno e mais poético em sua proposição. Sua ênfase repousa sobre mantermos a Psicanálise no âmbito que lhe concerne, o da *fala* e da *linguagem*. É com a palavra que trabalhamos, palavra falada. Está na *fala* o que interessa ao Sujeito.

Intervenção – (...).

*O binômio
linguagem/mímica*

Em algum momento há referência ao gestual enquanto linguagem. Não seria de mais referirmo-nos ao gestual do *infans*, por exemplo, do bebê que ainda não fala e cujo gestual é interpretado por quem dele cuida, a mãe, no caso, o que nos conduz a concluir na necessidade de o gestual ser interpretado por outrem, enquanto na *fala*, em análise, o Sujeito é o intérprete do que é falado através dele. O trabalho analítico repousa sobre a palavra falada; gestos, aguarda-se de quem gesticula alguma fala a respeito. A mímica pertence à Etologia.

Intervenção – (...).

O sistema linguajeiro

Sim, exatamente. Na fala há linguagem, há um sistema linguajeiro, muito singular, próprio a cada Sujeito. Ao nascermos já nascemos com o que é o campo da linguagem já dado. No caso da Língua, por exemplo, todos falamos a língua portuguesa, ou brasileira; nenhum de nós a inventou. Falamos numa língua que nos antecede e pré-exitua. Nascemos no âmbito dessa língua; não a inventamos. O que fazemos, pelo menos tentamos assim fazê-lo, é falá-la. Pois bem, reportemo-nos, a partir do exemplo da Língua assim chamada *pátria* com essa linguagem onde habitamos desde antes de nascermos, produto de uma relação da criança com a mãe. Trata-se de uma língua própria, a língua materna, o *manhês*, na qual se articula a ordem desejante herdada. E é a partir dessa linguagem que se forma aquilo que Lacan designou **Outro**, escrevendo-o com a letra algébrica **A**, de Autre, Outro em francês. Esse **A** designa um lugar, o lugar onde se articula um sistema linguajeiro singular, não-universal, próprio a cada

A/Outro

Sujeito submetido à fala. Então, cada Sujeito é portador de um sistema linguageiro próprio, singular e a fala é a tentativa do Sujeito estabelecer uma relação entre essa fala e esse sistema linguageiro que o habita e que lhe fala uma fala proveniente de um lugar Outro, primordialmente do sistema linguageiro materno. A fala é, então, a função precípua na análise.

Intervenções – (...).

Até porque um analisante procura um analista na suposição de que o analista sabe, isto é, o analista sabe o que vai dizer sobre o que se passa com ele, analisante. Afinal, a alienação é marca do Sujeito, até mesmo devido ao fato de que tudo lhe foi dito sobre ele e sobre como deve ser.

Intervenção – (...).

Ser *fictor* nesse sentido continua sendo mais uma forma de alienação...

Intervenção – (...).

A sugestionabilidade

Justamente, e poderíamos dizer ainda... Reparem que nisso há o que podemos considerar como sugestionabilidade. A sugestionabilidade é própria do campo da Medicina, por exemplo. Não é para ser desprezada, e é para, até mesmo, ser acatada. Esperamos que o médico nos diga: tome esse medicamento e irá melhorar. Lembremo-nos de que quando Freud começou seu trabalho, suas pesquisas voltaram-se para a hipnose, isto é, para a sugestionabilidade. Após algumas tentativas, abandonou-a completamente, pois não dava certo, mantendo o Sujeito alienado dos desejos conflitantes a lhe afligirem. Convenhamos, recebemos de toda parte da sociedade sugestões para tudo; todos à nossa volta tentaram nos educar. Se procuramos análise é porque tais formações morais, religiosas e pedagógicas falharam em algum momento. Não deve ser, então, a Psicanálise mais um campo de sugestões para a adequação do indivíduo a não se sabe exatamente a quê quando se estabelece algum conflito existencial com o qual não consegue lidar mesmo fazendo uso dos recursos que lhe foram disponibilizados. Nada disso funciona diante do *mal-estar* ocasionado pelo que chamamos *sintoma*. Sintoma é sinônimo de mal-estar. Enfim, procura-se uma análise em decorrência de um profundo mal-estar não abrandado pelo uso de outros recursos.

Intervenção – (...).

Continuação da leitura.

Há aí uma outra distinção a ser feita, a de que o campo da Psicanálise não é o campo da Filosofia, nem mesmo de alguma filosofia da linguagem, ainda que haja, num certo período do ensino de Lacan, como agora está sendo feita, à filosofia de Heidegger. Um psicanalista não é um filósofo, e não é um filósofo da linguagem.

Continuação da leitura.

Talvez possamos, ao lermos esses parágrafos, acompanhar as indagações que Lacan se faz sobre quais sejam afinal esses conceitos, esses que acentua como sendo quatro, como se houvesse aí alguma coisa a ser sempre elaborada, ou seja, um conceito em Psicanálise como sendo sempre uma interrogação. E vimos...

Intervenções – (...).

A aporia

Pois então, há aí esse termo algoritmo. Há, como acentuam, *aporia*, cálculo infinitesimal... mas há um outro no texto... aos poucos, já estão notando isso, vão surgindo certas referências a circunscreverem o campo de uma lógica que constrói.

A *aporia* que trouxeram, só para lembrar, é um termo grego para designar falta de recursos; na lógica é como dar num beco sem saída. Mas, assim como propõe algoritmos, Lacan vai lidar com as aporias enquanto impasses. De qualquer forma o modelo matemático é sempre evidenciado, até porque se os matemáticos levam tão a sério a formalização do campo matemático, por que, então, nós, psicanalistas, não devemos fazer o mesmo em relação ao nosso campo?

Intervenção – (...).

Creio podermos entender no sentido de como esses conceitos se relacionam ao Sujeito e ao Real.

Intervenção – (...).

Mantém-se, parece-me, a indagação sobre se Psicanálise pode ser considerada Ciência. E indaga-se sobre se a Agricultura e a Agronomia, por exemplo, também têm esse estatuto. O que, afinal, caracteriza uma ciência?

Intervenções – (...).

Está bem, mas desconsidere o título e os sub-títulos, pois não fizeram parte da exposição da sessão do Seminário. Eles são tão somente uma composição editorial.

Intervenções – (...).

“2001: Uma
odisséia no espaço” -
a linguagem
cibernética

É um elemento de incompletude. As suas considerações animam uma outra discussão possível. Imaginemos uma linguagem inteiramente autônoma a algum sujeito. Já foi mencionada aqui a possibilidade de debates sobre filmes. Aproveito para lembrar um filme extraordinário, extraordinário enquanto marco, enquanto divisória. Há um antes e há depois de *2001: Uma odisséia no espaço*. Pois bem, se o assistiram, então poderão se lembrar da personagem mais impressionante do filme, chamado Hal, o nome do super-computador programado para aquela missão tão especial em busca das origens de um objeto, um monólito, encontrado na superfície lunar. Além da beleza do filme, da temática toda, há, no entanto, um outro elemento merecedor de nossa atenção, que é justamente Hal. Hal é a própria metáfora de uma linguagem sem sujeito, ainda que fale. Linguagem pura, autônoma, cibernética; matemática, portanto. O que é uma linguagem cibernética? Uma linguagem escrita em caracteres fonográficos, significante, em uma linguagem binária, numérica, sendo a linguagem que estrutura o “pensar” da máquina, pensar esse que não pode admitir erros, contradições, na qual não é sim, ao contrário da linguagem do sistema linguageiro humano, são excludentes. O super-computador, até mesmo portador de um nome próprio, Hal, era perfeito; perfeito no seu sistema linguageiro não-contraditório, linguagem sem sujeito, o sujeito tal qual o conhecemos, o da errância. Então, o que acontece nessa relação entre uma super-máquina linguageira sem sujeito e os sujeitos que mantêm uma relação com seu sistema linguageiro próprio e a fala? Hal, o computador, mata quase toda a tripulação, só restando um elemento, justamente o comandante da missão. Para esse super-computador os humanos erram, colocando em risco o que lhe fora programado. Diante dos erros humanos a missão estaria em risco, missão a ele, super-computador, confiada. Podemos perguntar-nos, então, se essa errância a que estamos sujeitos é

do próprio sistema linguageiro que nos forma ou se é resultante dessa relação da fala com o sistema. *Errância* aí não tem o sentido de erro, falha, mas de deslizamento contínuo nos tropos de linguagem.

Intervenção – (...).

A metáfora como via

Pela via da metáfora, isto é, há sempre a possibilidade de substituição de um termo por outro numa relação qualquer. Isto por haver uma dimensão simbólica, efeito de compactuação, onde há regras para o jogo, regras estabelecidas na própria diacronia da linguagem. Não há possibilidades de regras a ditarem em cada detalhe o viver, mas as regras mais fundamentais lançadas permitem uma combinatória infinda. A partir de um elemento fundante um leque se abre. As relações na dimensão são sempre relações compactuadas. A circuncisão aí mencionada refere-se a um tipo de pacto simbólico estabelecido.

Intervenção – (...).

Justamente. E, numa relação de análise, troca de palavras, estando o Simbólico enquanto lugar de trocas, numa situação que permite a troca do ato pelo fato de linguagem.

Intervenção – (...).

A certeza péla dúvida.

Continuação da leitura.

*A máxima
lacaniana do
Inconsciente*

Essa é, digamos assim, uma máxima lacaniana. Frisem essa frase, pois ela mantém seu caráter, digamos, axiomático: *O inconsciente é estruturado como uma linguagem*. Notem: não é uma linguagem, mas *como* uma linguagem. Um pouco antes referiu-se à *fala*, agora à *linguagem*.

Continuação da leitura.

Intervenção – (...).

Onde está o sujeito? Onde ele se conta ou é contado? Esse sujeito capaz de uma classificação de todos os elementos que encontra, como se classifica? É capaz de contar a todos, mas *se conta a mim*. Conta e é contado. Onde se insere enquanto contador? Como contador se insere como sujeito?

Intervenção – (...).

Outro semelhante ou Outro?

Intervenção – (...).

*A inserção do
Sujeito na fala e sua
classificação*

Não sei se chama a atenção de vocês o emprego, cada vez mais difundido, da pronominação *você* em referência ao próprio sujeito que fala, no lugar da primeira pessoa, seja no singular ou no plural. É como se houvesse um outro sendo referido por um eu enquanto o você desse eu. Curioso, não acham? Afinal, quem fala? Onde, então, está o sujeito? *Tenho três irmãos, Paulo, Ernesto e eu.*

Intervenção – (...).

Pois então. Reparem nesta frase: *Mas eu, eu estou a falar de mim mesmo* Onde está falando aí o Sujeito?

Intervenção – (...).

O sujeito da enunciação se reduplica no enunciado?

Intervenções – (...).

Sim, desde o Logos.

Intervenção – (...).

Aí estando dividido. Há, então, uma divisão no sujeito, *eu-mim*

Intervenção – (...).

*O Sujeito na
situação analítica*

A sua argumentação relativizou ainda mais; o sujeito age e reage de acordo como uma determinada situação num determinado momento se lhe apresenta. Esse estado de “ser” não encontra lugar numa situação do sujeito enquanto ser-de-fala, que é a situação analítica.

Intervenção – (...).

Sim, claro. Em cada situação em que o sujeito está colocado, reage de modos diferentes.

Intervenção – (...).

Acontece que sua argumentação é a de haver um sujeito num estado de abstração de situações concretas, como um estado de ser autônomo às relações do sujeito com a linguagem e a

fala.

Intervenção – (...).

O lugar do Sujeito e do desejo

Bem, mas aí é que está, não se trata de um sujeito que esteja “sempre lá”, o de que não se trata. É preciso, uma vez mais, ressaltar a diferença do termo sujeito para a Psicanálise. O sujeito não está “sempre lá”, ele está dado numa determinada estrutura dada pela própria fala que o diz onde está, sendo um lugar evanescente. O desejo, sim, por sua vez, é o que “está sempre aí”, ou “lá”, na fala.

Intervenção – (...).

O sujeito entendido como efeito, não causa do desejo. Não sujeito enquanto senhor, mas enquanto sujeito a, ao desejo, no caso.

Intervenção – (...).

A referência é sujeito *ao* inconsciente.

Intervenção – (...).

Seria, no caso, pensar numa essencialização para esse sujeito que está a propor, como se houvesse uma substanciação para esse sujeito. O sujeito ao inconsciente está numa relação com a fala...

Intervenção – (...).

Sobre a ordem classificatória em Lévi-Strauss

Não lhe parece estar aí a fazer uma relação com o trabalho de Claude Lévi-Strauss? Reparemos nisto: nesse trabalho classificatório, na função classificatória primária, na experiência observada por Lévi-Strauss e por ele relatada em *Pensamento selvagem*, está a natureza a fornecer os elementos a essa dada ordem classificatória. Então, o que vai acontecer aí? Os significantes se formam a partir dessa relação com essa dada ordem classificatória.

Intervenção – (...).

Seria, então, por exemplo, e esclareça, na sua opinião, se poderia ser assim, enquanto nossas relações sociais na sua estruturação de parentesco são regidas, digamos, por um patronímico, em sua dimensão simbólica, no caso então, poderiam ser regidas por um regime totêmico, cujo nome

relacional poderia ser, talvez, de uma ave, ou seja, um nome da ordem classificatória primária de algum elemento da natureza.

Intervenção – (...).

Ou uma ação. Em Caramuru, por exemplo.

Intervenção – (...).

Mas indicando o mesmo tipo de relação.

Intervenção – (...).

Quer dizer, pode haver uma nomeação diferente, mas referente ao mesmo tipo de relação.

Intervenções – (...).

Muito bem, ficamos por aqui hoje.